

O FEMINISMO DESCOLONIAL DE SILVIA RIVERA CUSICANQUI: AÇÃO POLÍTICA E EDUCATIVA PARA A DESCOLONIZAÇÃO

Joyce Otânia Seixas Ribeiro ¹

¹ Professora de Didática da FAECS/UFGA, Abaetetuba, Pará, Brasil,
joyce@ufpa.br

Introdução

O feminismo latino-americano possui contribuições de muitas mulheres que militam nos movimentos sociais e no ambiente acadêmico, com o objetivo de descolonizar culturas, corpos e mentes, entre as quais, Silvia Rivera Cusicanqui. Considerando a diversificação teórica e política no interior do feminismo latino-americano, é imperativo conhecer um pouco do pensamento dessa feminista aymara, de modo que, para o momento, intenciono mapear alguns aspectos teóricos, políticos e educativos, considerando alguns conceitos e sua proposta de ação política. Para tanto, mobilizei um aporte teórico que conta com algumas obras, artigos e entrevistas das autoras em estudo.

Metodologia

A arte do fazer é a da pesquisa teórica que, para Salvador (1986), é produtiva, pois as teorias permitem aprofundar, estender e contribuir com a produção de conhecimento situado em certo espaço-tempo. Apple (1994) acentua a relevância da pesquisa teórica, argumentando que a reflexão teórico-crítica guarda significância também por seus efeitos políticos. A pesquisa teórica é contestada por certa parcela da comunidade epistêmica, devido apresentar alguns riscos por ser abstrata, com linguagem hermética e, supostamente, desvinculada da prática social.

Contudo, no campo dos Estudos Culturais latino-americanos, a pesquisa teórica não é considerada asséptica e/ou neutra, mas sim, contingente e politicamente informada, em razão das teorias serem historicamente construídas e revelarem interesses de classe, de gênero, de sexualidade, de nação, de raça/etnia, de geração. As teorias, portanto, resultam de decisões vinculadas a prática social. Rivera Cusicanqui (2010a) argumenta que é imperativo produzir conhecimentos significativos a partir da ênfase na história, na memória e nas experiências coloniais, de modo que estes aspectos se tornam a fonte de crítica colonial, da opressão, bem como tornam-se o fundamento da identidade cultural. O procedimento de pesquisa incluiu o mapeamento de fontes primárias em língua espanhola, bem como literatura secundária em livros, capítulos de livros e artigos traduzidos para o Português, artigos de comentadoras. Em seguida, selecionei o material, realizei a documentação bibliográfica, a tradução e a escritura.

Resultados e discussão

Silvia Rivera Cusicanqui é boliviana, socióloga, historiadora, professora e ativista de origem Aymara. Foi professora visitante nas Universidades de Columbia – EUA e na Universidad Simón Bolívar - Equador. É professora da Universidad Mayor de San Andrés. fundou, juntamente com um grupo de alunos, o Taller de Historia Oral Andina - THOA e o Colectivo Ch'ixi.

Entre outros, dialoga com Waman Puma, René Zavaleta, Pablo González Casanova, Frantz Fanon e Gayatri Chakravorty Spivak. É autora de livros e artigos

relevantes para o pensamento latino-americano, escritos nas línguas espanhola, quechua e aymara. Além da atividade acadêmica, atua no campo social e político como militante nos movimentos indígenas da Bolívia, como o katarismo e os cocaleros. Ainda que seu pensamento não expresse a totalidade do feminismo descolonial, Rivera Cusicanqui intenciona práticas de resistência comprometidas com um pensar-fazer outro, para um reordenamento das estruturas sociais e subjetivas implantadas no ocidente nas mulheres colonizadas e que produzem o sexismo, o racismo e a misoginia.

Imagem 1 – Silvia Rivera Cusicanqui.



Fonte: www.google.com, 2026.

Ao refletir sobre os problemas de gênero, Rivera Cusicanqui (2010a, 2010b), argumenta que o propósito do colonialismo foi a homogeneização de sociedades tradicionais, para a construção dos Estados-Nacionais. As ações homogeneizadoras objetivavam reduzir a força cultural dos povos colonizados, preparando-os para receber o projeto civilizatório europeu, de modo que o resultado foi positivo, na medida em que aglutinaram muitas etnias identificando-as como índio, afetando profundamente tais comunidades. Esse processo fez surgir o colonialismo interno, por meio do qual a elite nativa reproduz a cultura europeia nas colônias, lançando mão da escravidão e da subjugação. Entre os mecanismos acionados com vista ao domínio das mulheres nativas está o patriarcalismo, um sistema cultural que dissemina os valores culturais europeus, definindo o sistema de gênero nas sociedades colonizadas impondo um padrão de conduta para os gêneros, produzindo hierarquia e desigualdade de classe, gênero, raça e sexualidade entre homens e mulheres, com a completa invisibilização do terceiro gênero, gays, lésbicas etc. (Rivera Cusicanqui, 2010b).

Rivera Cusicanqui (2010a), argumenta que há indícios de que as relações de gênero nas sociedades pré-hispânicas eram mais igualitárias, e ainda que existissem assimetrias estas não eram tão binárias, a ponto promover separatismos, como a definição do lugar do homem e da mulher, o privado e o público, respectivamente. Esse é apenas um dos exemplos, pois os valores patriarcais alteraram sobremaneira as relações sociais entre os nativos e nativas, agora marcadas pelo separatismo e pela exclusão do outro, considerado um não ser, pois, inferior.

O gênero é acionado para diferenciar os corpos masculinos e femininos, estes últimos tomados subalterno e inferior, tanto que as mulheres nativas se tornam objetos “cedidos” aos colonizadores como presentes de boas-vindas, de acordo com os relatos dos próprios colonizadores e viajantes. Em verdade, o que houve foram estupros dos quais nasceram os mestiços, nem indígenas nem europeus, o meio termo entre duas culturas, sofrendo em dobro. No fim, a colonização de corpos e mentes nativa reestruturou a convivência e as

relações sociais, expressas em violência conjugal, aculturação das famílias, intensificação da autoridade masculina, desprezo pela mulher, o que resultou em danos profundos para essas sociedades, consideradas atrasadas. Tais sociedade deveriam assimilar o modo de vida europeu para viver melhor, vestir melhor e falar melhor. Na perspectiva eurocêntrica os povos colonizados não sabiam o que era bom e correto. O patriarcado foi a ferramenta de dominação colonial que subjugou as mulheres mestiças, indígenas e afrodescendentes, tornando-as maioria nas classes populares dos países latino-americanos.

A exclusão de mestiços e mestiças os lançaram a sua própria sorte, pois foram localizados nos estratos mais baixos das sociedades coloniais, na medida em que não tinham nem a identidade étnica e nem a de cidadão europeu.

As lutas, debates e projetos almejam construir uma América Latina soberana, democrática e igualitárias quanto ao gênero, de modo que o feminismo latino-americano denuncia e combate as múltiplas opressões sofridas pelas mulheres mestiças. Como os homens mestiços também são dominados, ainda que de modo diferentes do das mulheres, pois gozam de privilégios advindos de sua masculinidade patriarcal, que conduz a sociedade, e, com isso, acabam por inferiorizar as mulheres mestiças.

Diante desse cenário, o feminismo descolonial demanda políticas públicas de defesa e garantia dos direitos e das especificidades das mulheres colonizadas, indígenas, negras, brancas, pobres, deficientes, lésbicas, bissexuais, transgêneras e outras.

No campo político, a contribuição de Rivera Cusicanqui se traduz no indicativo da necessidade de um compromisso com práticas de resistência descoloniais, nos movimentos sociais, pois as ações descolonizadoras são capazes de desestruturar a lógica de dominação colonial, combatendo a violência por meio de práticas cotidianas de mulheres e de homens nativos colonizados\as.

Rivera Cusicanqui (2010a, 2018a), situa o cenário que torna tais ações urgentes, considerando o sistema colonial e moderno que dominou as nações colonizadas configurando uma hierarquia entre colonizador-colonizado, materializada por meio da imposição da norma da cultura europeia considerada padrão universal, ancorada em um sistema binário que nega o diálogo horizontal, inferiorizando e excluindo o outro. Hoje, o colonialismo interno – modo de dominação ancorado no horizonte colonial de longa duração, articulado a este, mas sem superá-lo ou modificá-lo, sendo responsável por reeditar as estruturas coloniais contemporâneas –, como atual estrutura de poder colonial, é indispensável para a compreensão da estratificação social e da constituição de identidades na Bolívia, pois, no fim, a lógica de opressão de indígenas, mestiças e mestiços segue inalterada.

Nesta cena, as mulheres colonizadas sofreram e sofrem com a colonização ibérica que impôs um padrão de conduta bem distinto do da cultura nativa, homogeneizando-a a partir do centro. Hoje, com o colonialismo interno, as mulheres nativas ainda sofrem com as normas do patriarcalismo europeu, que orientam relações sociais que as subjugam.

Nos movimentos sociais, a ação parte da consciência da mestiçagem. A noção de mestiçagem de Rivera Cusicanqui (2010a), é delineada a partir do conceito de sociedade *abigarrada* (sociedade heterogênea) de René Zavaleta, que considera as zonas fronteiriças. A partir disso, a mestiçagem constitui-se de opostos indeterminados e produtivos que, ao se interseccionem, não atingem uma mistura completa. A mestiçagem se expressa no Ch'ixi, uma noção cunhada pela autora, que remete a coexistência de múltiplas diferenças culturais que, sem se fundirem se complementam. Na cena da mestiçagem, a identidade é tomada como um tecido de intercâmbios, um tecido feminino em permanente devir, logo, a identidade não pode ser pensada como aprisionada em um mapa limitado ou a debates sobre inclusão de minorias, bem ao gosto do multiculturalismo oficial (Rivera Cusicanqui, 2018b). Considerando isso, a identidade Chi'ixi (autoconsciência individual no solo da colonização), é indeterminada e tensa, energizada pela fricção das diferenças, explosiva, insubmissa e produtora de ruído,

induzindo a subversão ao domínio colonial. Em uma palavra, é uma identidade descolonizada.

Sua contribuição educativa é disparada pelo cenário sociocultural colonizado, com uma política estatal multicultural excludente e uma elite intelectual acadêmica com retóricas de inclusão de indígenas e mestiços que produz um *ethos* conformista, logo, há a necessidade de uma ação capaz de descolonizar corpos e mentes desses homens e mulheres na direção da autoidentificação coletiva e individual.

Em vista disso, o pensamento descolonial de Rivera Cusicanqui não se reduz a teorias e nem a um ativismo simples, mas tem uma dimensão política inarredável, na medida em que impulsiona práticas de formação cultural de subjetividades indígenas e mestiças, capazes de ações de resistência e de insurgência, com vista a um reordenamento das estruturas sociais implantadas pelo ocidente nas terras colonizadas andinas, e a um novo bem-estar coletivo.

Assim, seu feminismo descolonial guarda traços educativos, na medida em que a luta das mulheres colonizadas ultrapassa a bandeira de reorganização da divisão social do trabalho, sendo seu problema central a distribuição do poder na sociedade e nas instituições estatais (Rivera Cusicanqui, 2010a). Entre tais instituições está a universidade, que precisa ter como propósito re-educação de mulheres e homens, para que constituam identidades e subjetividades situadas, e sejam capazes de combater a homogeneização ocidental, e o domínio cultural do patriarcado, constituindo identidades culturais situadas. Outras lutas político-educativas são: a descolonização da linguagem de modo que essa deixe de ser um talismã do conquistador e se converta em meio de comunicação e espaço de exercício de liberdade (Rivera Cusicanqui, 2010b); a reivindicação de espaço social amplo, no âmbito privado e no público; a luta pelo direito de construir e transformar a sociedade onde vivem, em prol da igualdade de posições e complementaridade de gênero.

Para Rivera Cusicanqui (2010a), as mulheres colonizadas/subalternas seguem organizadas, almejando relações ancoradas na coletividade, no respeito às diferenças, para que as relações entre mulheres e homens sejam mais harmoniosas, de modo que coexistam como humanas e humanos, em meio as diferenças de classe, raça, gênero e sexualidade, ampliando espaços de convivência atravessados por múltiplos marcadores socioculturais.

Conclusões

A intenção foi entretecer uma reflexão sobre o pensamento feminista de Sílvia Rivera Cusicanqui, que conquistou uma sólida posição acadêmica na escola-universidade, e política nos movimentos sociais, em razão de suas contribuições teóricas sobre mestiçagem, sobre sistema de gênero colonial, bem como com suas propostas de resistências descoloniais, capazes de desestruturar as instituições, como a escola, bem como a lógica de dominação eurocêntrica e patriarcal.

Assim, o feminismo descolonial de Rivera Cusicanqui intenciona práticas de resistência social e educativa, comprometidas com um sentir-pensar-fazer outro, visando o reordenamento das estruturas sociais implantadas nas mulheres e homens indígenas e mestiços.

Palavras-Chave: Feminismo descolonial. Mestiçagem. Colonialismo.



Referências bibliográficas

- APPLE, Michael W. O que os Pós-Modernistas Esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz T. (Orgs.). **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: visões críticas**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Violencias (re) encubiertas en Bolivia**. La Paz: Editorial Piedra Rota, 2010. [2010b]
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010a.
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo Ch'ixi es posible: ensaios desde un presente en crisis**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018b.
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Utopía ch'ixi, entrevista com Yael Weiss**, 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHJkCqe2gAk&t=1605s>.
- SALVADOR, Aangelo D. **Metodologia e técnicas de pesquisa bibliográfica**. 11ª ed., rev. Porto Alegre: Sulina, 1986.

